

Política

COMUNISMO

Histórias de prisão, exílio e tortura

As lembranças da militância nos anos sombrios da ditadura continuam vivas na memória do PCB, que comemora 90 anos

AA12153
João Guerra

Prisão, exílio, tortura. Nada disso desencorajou Antônio Ribeiro Granja, membro de honra da Executiva nacional do PCB. Granja, como é conhecido, tem 99 anos e 77 deles dedicados ao que ele diz ser o sentido de sua vida: ser comunista.

Lúcido e bastante firme em seus princípios, ele contou que, por sua crença política, foi perseguido em duas ditaduras: durante o Estado Novo (1937 a 1945), e a militar, entre 1964 e 1985. Foi exilado na antiga União Soviética onde estudou e exerceu a profissão de jornalista.

“Todos os riscos que passei e os problemas que enfrentei no partido, tenho uma certeza: lutei por um mundo melhor.”

O partido de que Granja fala é o PCB, Partido Comunista Brasileiro, que no próximo domingo completa 90 anos de existência.

Fundado em 1922, o PCB passou por divisões e mudanças ao longo do século XX e seus militantes se dividiram entre os que fundaram

o PCdoB e os que permaneceram no PCB.

Durante o tempo da ilegalidade dos partidos comunistas no Brasil, muitos militantes se abrigavam no Movimento Democrático Brasileiro (MDB). O MDB deu origem, na década de 80, ao PMDB.

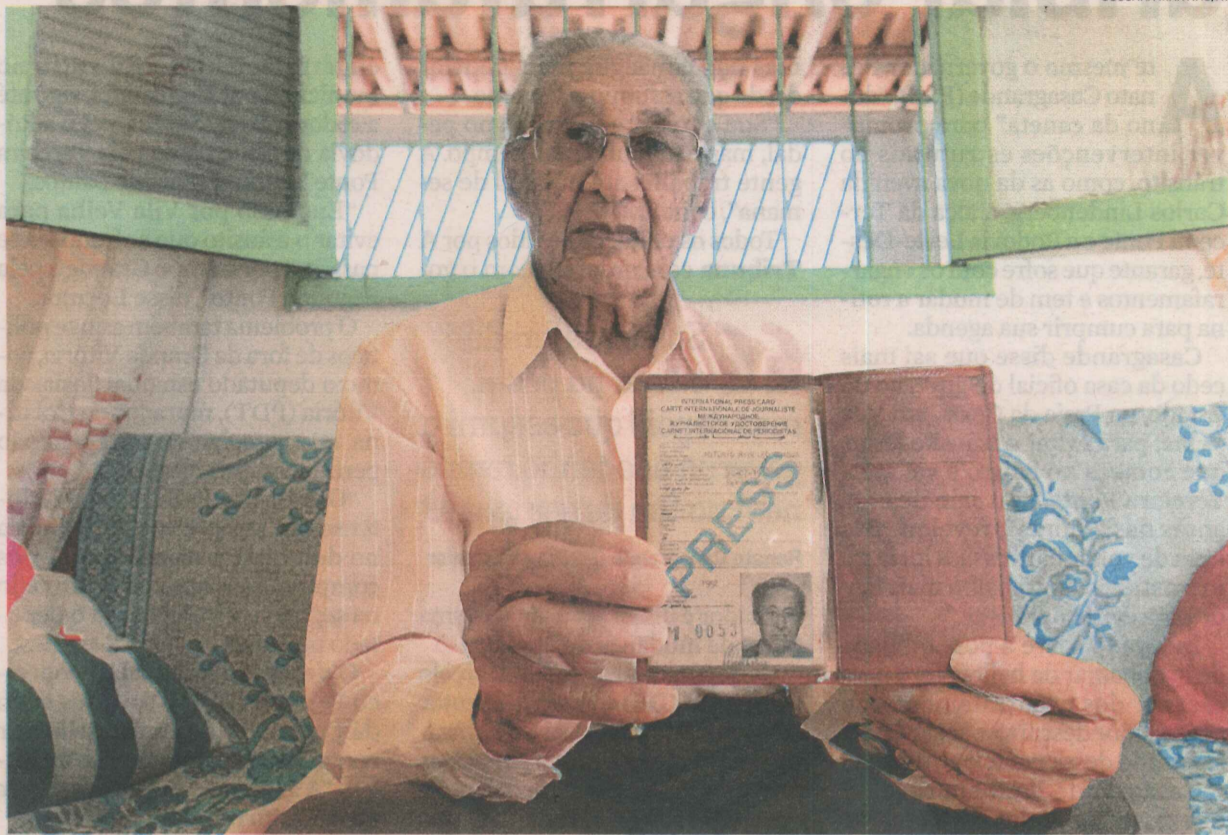
Apenas em 1985, com o fim da ditadura, os partidos comunistas tiveram a legalidade reconhecida. Mas as memórias de quem sofreu por sua militância na clandestinidade permanecem acesas.

Perly Cipriano se engajou no PCB em 1960. Em 1967, já no PCdoB, teve de se exilar na antiga União Soviética e, ao retornar em 1970, foi preso e torturado durante 10 anos. “Fiquei preso quatro anos em Pernambuco e seis no Rio, mas a luta valeu a pena. Muitas das garantias que temos hoje vêm das nossas reivindicações”.

Por conta da clandestinidade, a adesão ao partido não era formalizada. “Quando entrei em 1971, a aderência ao PCdoB era feita com um aperto de mão”, disse Iran Caetano, militante do PCdoB.

“Faria tudo de novo. Com todos os riscos que passei tenho a certeza de que lutei por um mundo melhor”

Antônio Granja, comunista



GRANJA EXIBE SEU PASSAPORTE usado durante os anos que passou no exílio, na antiga União Soviética

Caetano teve de sair às pressas do Estado em 1972, após ser avisado de que seria preso e morto pelas forças da repressão.

Em 1978 ficou preso durante um ano no Rio de Janeiro. Mas nem o passar do tempo o desanimou. “A luta sempre continua. Onde tiver um oprimido estaremos lá”, disse.

O QUE ELES CONTAM

Policiais se infiltravam em grupos

Mudança para fugir de tortura

ANTÔNIO GRANJA, o Granja, entrou para o PCB em 1935. Foi vereador em Cariacica na década de 1940, quando passou a ser preso inúmeras vezes. Granja conta que durante a ditadura militar (1954-1985) teve de mudar de estado e de nome por diversas vezes para não ser preso e torturado.

PERLY CIPRIANO aderiu ao PCB em 1960. Sete anos depois, já no PCdoB, fugiu do Brasil para não ser preso. Em 1970, quando voltou, foi preso durante 10 anos. Ao sair, em 1980, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

CARLOS OZÓRIO, o Carlito, foi o primeiro presidente do PCdoB no Estado, em 1963. Na época, o partido estava na ilegalidade. Para não ser preso por conta da militância ilegal, Carlito fugiu para o Sul da Bahia, onde se encontrou com colegas de partido.

Seu retorno ao Estado ocorreu somente no fim da década de 1960.

O VEREADOR de Vitória Namy Chequer (PCdoB) disse que, na sua época, as prisões em decorrência da militância comunista diminuíram, mas segundo ele, a repressão ideológica ainda existia. Ele conta que era comum policiais se infiltrarem nos grupos do partido para descobrir e delatar quem era comunista.

Comunistas serviram de escola

Nos últimos anos da ditadura militar, do fim da década de 1970 e início da de 80, muitas das figuras políticas que ocupam ou ocuparam cargos eletivos no Estado estiveram nas fileiras dos partidos comunistas.

É o caso do vereador de Vitória Namy Chequer (PCdoB), do ex-prefeito de Vitória Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB), do conselheiro do Tribunal de Contas (TC-ES) Sérgio Aboudib, do ex-governador Paulo Hartung (PMDB), dos deputados federais Lelo Coimbra e César Colnago (PSDB), entre outros.

Namy Chequer entrou para o Partido Comunista do Brasil em 1977, através do movimento estudantil, e afirma que mesmo per-

dendo força, “a ditadura militar foi rancorosa com os novos comunistas”. “Entre para tudo quanto era tipo de lista que se existia por parte das autoridades de repressão daquela época”, afirmou.

Já Luiz Paulo disse que teve sua



NAMY: “Ditadura rancorosa”

primeira experiência político-partidária no PCB. Ele se filiou ao partido em 1975, no Rio de Janeiro, quando entrou na universidade.

Ao se formar, em 1979, por conta da sua militância na faculdade, ele disse ter encontrado dificuldades para se encaixar no mercado de trabalho. “Participava de seleções de emprego e tinha certeza que havia me saído bem, mas não era convocado para o cargo. Mais tarde fiquei sabendo que as empresas consultavam o SNI e viam minha ficha lá como comunista e, por isso, não me contratavam”.

O SNI era o Serviço Nacional de Informações. Um banco de dados utilizado pelo governo da época para registrar as fichas de quem se opunha ao regime militar.

PCB e PCdoB em rota de colisão

Da matriz do Partido Comunista Brasileiro surgiu, mais tarde, uma série de partidos: o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o Partido Popular Socialista (PPS), na década de 1990, e a atual formação do PCB, também dessa década.

Os integrantes do PCB e do PCdoB reivindicam para si as comemorações dos 90 anos. Isso porque na década de 1960, descontentes com os rumos do partido, alguns integrantes saíram do PCB e fundam o PCdoB. Atualmente o PCB



SESSÃO na Câmara pelos 90 anos

não tem diretório no Estado.

“Os fundadores do PCdoB na época queriam pegar em armas e hoje são dóceis com o governo”, comentou o jornalista Aurélio Moura, que tenta reorganizar o PCB no Estado.

Já o presidente regional do PCdoB, Ronaldo Barbosa, afirma que o caminho adotado pelo seu partido se mostrou acertado. No último dia 15, uma sessão solene na Câmara de Vitória marcou o início das comemorações de aniversário.

ANÁLISE

“Não adianta apenas dizer que é comunista. Isso é insuficiente”

“O comunismo na forma que existiu nas experiências que tivemos e temos em diversos países do mundo não tem mais espaço na sociedade atual.

A necessidade de se ter algo que sirva de contraponto ao capitalismo e aos defeitos que ele tem é justa e precisa existir, mas há de se repensar a prática com base nas experiências que tivemos com a União Soviética, China e temos hoje com países como a Coreia do Norte. Esse país que se diz comunista, tem dinheiro para montar armas nu-

cleares, mas não tem como dar comida para o seu povo.

Para se chegar a esse tipo de sociedade, que pregam os comunistas e socialistas, de um mundo mais justo e com os bens mais compartilhados entre todas as pessoas, tem de se repensar a teoria, a prática e a história do que existiu e de alguma forma ainda existe.

Dessa forma, eles terão condição de ter apelo junto à sociedade. Não adianta apenas dizer que é comunista. Isso é insuficiente e não é eficiente.”

Rafael Simões, historiador e secretário-geral da ONG Transparência Capixaba



CARTAZ usado por militantes

JUSSARA MARTINS/AT

JUSSARA MARTINS/AT - 13/10/2011